

CONSEQUÊNCIAS DO CONHECIMENTO ESPÍRITA

Damiana Paixão da Silva e Gustavo Rebouças¹

“A responsabilidade tem o tamanho do conhecimento” (André Luiz, “Sexo e Destino”)

1. INTRODUÇÃO

A busca de entendimento sobre o mundo e as dinâmicas leis de sua regência sempre ocupou destaque nas necessidades fundamentais da criatura humana. Valendo-se dos recursos disponíveis em cada época, o homem, ao longo da história, utilizou-se de ferramentas como o mito, a filosofia, a religião, vindo a conhecer, mais contemporaneamente, o expediente da ciência e da tecnologia, que lhe ampliaram as possibilidades de desvendar os mistérios da vida, que, até então, acenavam-lhe dos patamares do desafio, com ares de inatingibilidade.

Não obstante a possibilidade de tal preocupação com essas questões remontar à Grécia antiga, é indiscutível que é a partir do séc. XVIII que elas tomam a profundidade com a qual se apresentam atualmente, legado da ciência e suas constatações, que vem nos alcançando cotidianamente, fazendo-se a cada dia mais presente, evidenciando a confiabilidade de métodos, aos quais não podemos ficar indiferentes. Nesse contexto, a agenda de questões a serem respondidas ou aprofundadas vai se ampliando.

Em relação ao tema de que se ocupa este trabalho, pode-se relacionar algumas: o que é o conhecimento? Como se adquire? O que realmente significa conhecer o objeto alvo de nossas descobertas? Como é estabelecida a relação entre o conhecimento científico e o mundo real? Quais as consequências práticas e éticas das descobertas científicas? De onde viemos? Por que estamos aqui? Para onde vamos? Em meio a todas estas questões, surge um elemento desanuviador, a saber: o conhecimento espírita.

A Doutrina Espírita, a seu turno, veio dissipar as trevas, em que permanecíamos mergulhados, oferecendo-nos conhecimentos sobre a vida física e espiritual, dando conta do que havia sido prometido pelo próprio Cristo:

“Se vós me amais, guardai meus mandamentos; e eu pedirei a meu Pai, e ele vos enviará um outro consolador, a fim de que permaneça eternamente convosco: o Espírito de Verdade que o mundo não pode receber, porque não o vê e não o conhece. Mas quanto a vós, conhecê-lo-eis porque permanecerá convosco e estará em vós. Mas o consolador, que é o Santo-Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo àquilo que eu vos tenha dito”. (JOÃO, Cap. XIV, v. 15,16,17 e 26)

Com o conhecimento espírita, a agenda de questões a serem respondidas, a que nos referimos acima, ganha um forte aliado, posto que, O Consolador Prometido, materializado no conhecimento espírita, vem nos ensinar todas as coisas, desmistificando as interpretações que o homem faz de si e do Mundo, através de postulados que resultam de uma exegese fiel do Evangelho do Cristo, proporcionado por uma Teologia Espírita.

¹ Ambos trabalhadores da Diretoria de Apoio a Melhoria Interior (DAMI), da Fundação Allan Kardec, em Manaus, Amazonas.

“Eis aí o valor do Espiritismo. Ele expõe as minúcias das leis que nos governam, munindo a criatura de defesas e conhecimentos para que erre menos e acerte mais, superando as próprias fraquezas”. (BRÚSSOLO, 1993, p. 190)

Nesse trabalho, pretendemos, ao analisarmos a evolução do conhecimento humano, buscar um entendimento acerca das conseqüências do conhecimento espírita, analisando seu modo de repercussão no ambiente familiar, de trabalho, social, oficinas em que o conhecimento da doutrina dos Espíritos deve ser posto em prática, pois são campos de colheita aguardando os seareiros espíritas; para que possamos, ao final, concluir sobre a aplicabilidade que se vem dando às pérolas recebidas do mais alto.

2. A EVOLUÇÃO DO CONHECIMENTO HUMANO

2.1. O MITO COMO FORMA DE CONHECIMENTO

O mito é a primeira tentativa de se explicar a realidade, os fenômenos naturais, as origens do Mundo e do Homem, através de narrativas de caráter simbólico, vinculadas à cultura de determinado agrupamento social. Essa forma de interpretação da realidade resulta da parca disponibilidade de recursos que propiciassem uma verificação mais eficaz, momento em que o homem faz seus julgamentos a partir do que lhe é possível alcançar sensorialmente.

Observando, por exemplo, que o Sol saía de uma extremidade à outra do horizonte durante o dia, e por não perceber a movimentação da Terra, concluía-se que o astro-rei se movia enquanto a Terra permanecia imóvel. Flammarion discorrendo sobre o assunto, assim informa:

“A mitologia hindu ensinava que, ao entardecer, o astro do dia se despojava de sua luz e atravessava o céu durante a noite com uma face obscura. A mitologia grega figurava puxado por quatro cavalos o carro de Apolo. Anaximandro, de Mileto, sustentava, ao que refere Plutarco, que o Sol era um carro cheio de fogo muito vivo, que se escapava por uma abertura circular. Epicuro, segundo uns, teria emitido a opinião de que o Sol se acendia pela manhã e se apagava à noite nas águas do oceano; segundo outros, ele considerava esse astro uma pedra-pomes aquecida até à incandescência. Anaxágoras o tomava por um ferro esbraseado, do tamanho do Peloponeso. Coisa singular! os antigos eram tão invencivelmente induzidos a considerar real a grandeza aparente desse astro, que perseguiram o filósofo temerário por haver atribuído aquele volume ao facho do dia, fazendo-se necessária toda a autoridade de Péricles para salvá-lo de uma condenação à morte e para que essa pena fosse comutada na de exílio”. (FLAMMARION, Estudos e leituras sobre a Astronomia, p. 6.)

Entre os mitos amazônicos que dão conta do surgimento do Mundo e do próprio Homem está uma lenda indígena *nheengatu*. A lenda descreve a origem do mundo como ação do deus Tupana, conforme podemos constatar na narrativa abaixo:

“No princípio, contam, havia só água, céu.

Tudo era vazio, tudo noite grande.

Um dia, contam, Tupana desceu de cima no meio de vento grande, quando já queria encostar na água saiu do fundo uma terra pequena, pisou nela.

Nesse momento Sol apareceu no tronco do céu, Tupana olhou para ele. Quando Sol chegou no meio do céu seu calor rachou a pele de Tupana, a pele de Tupana começou logo a escorregar pelas pernas dele abaixo. Quando Sol ia desaparecer

para o outro lado do céu a pele de Tupana caiu do corpo dele, estendeu-se por cima da água para já ficar terra grande.

No outro Sol [no dia seguinte] já havia terra, ainda não havia gente.

Quando Sol chegou no meio do céu Tupana pegou em uma mão cheia de terra, amassou-a bem, depois fez uma figura de gente, soprou-lhe no nariz, deixou no chão. Essa figura de gente começou a engatinhar, não comia, não chorava, rolava à toa pelo chão. Ela foi crescendo, ficou grande como Tupana, ainda não sabia falar.

Tupana, ao vê-lo já grande, soprou fumaça dentro da boca dele, então começou já querendo falar. No outro, dia Tupana soprou também na boca dele, então, contam, ele falou. Ele falou assim: - Como tudo é bonito para mim ! Aqui está água com que hei de esfriar minha sede. Ali está fogo do céu com que hei de aquecer meu corpo quando ele estiver frio. Eu hei de brincar com água, hei de correr por cima da terra; como o fogo do céu está no alto, hei de falar com ele aqui de baixo.

Tupana, contam, estava junto dele, ele não viu Tupana. (MARTINS, 1994, p. 4).

Assim, o mito se apresenta como uma primeira leitura do mundo, onde a sensibilidade e a imaginação são os principais instrumentos na formação das conclusões. Embora, à luz do conhecimento racionalizado, pareça uma descrição ingênua da realidade, a metáfora mitológica tem seu sentido e é de grande utilidade na aquietação do ser no universo em que se insere.

2.2. O INSTRUMENTO FILOSÓFICO COMO FERRAMENTA DO CONHECIMENTO.

Com a filosofia as interpretações dos estudiosos deixam de recorrer ao religioso e o sagrado, elementos sempre presentes nas interpretações cosmogônicas do mito. Entretanto, segundo Platão e Aristóteles, o mito foi a matéria inicial de reflexão dos filósofos, que passaram a examinar o mundo e o Homem, a partir da investigação, da análise, da argumentação e da reflexão.

Tendo como instrumento o raciocínio, o conhecimento filosófico não é experimental. Embora sistematizado, baseia-se unicamente na especulação, indo à raiz das coisas, para produzir, segundo o rigor lógico que a razão exige, a interpretação verdadeira do existente. Com a filosofia, o homem busca os porquês de tudo que lhe desperta a curiosidade e, diferentemente do mito, com esse instrumento, tal busca se faz dissociada das interpretações fabulosas, produzidas pelo imaginário, para chegar o mais próximo possível do lógico, mesmo que limitada ainda pela falta de recursos suficientes e adequados que privilegiem a exatidão e comprovação das conclusões obtidas em suas análises.

E assim, a interpretação da realidade que permeia o homem começa a ganhar novas conotações, das quais muitas serão o ponto de partida para as futuras e mais precisas investigações científicas. Entre os muitos avanços propiciados pelo conhecimento filosófico, pode-se destacar a descoberta da esfericidade da Terra, a obliquidade da eclíptica e a causa dos eclipses, por volta de 600 a.C, por Tales, de Mileto (Ásia Menor); um século depois, Pitágoras, de Samos, descobre o movimento diurno da Terra, sobre o próprio eixo, seu movimento anual em torno do Sol e incorpora os planetas e os cometas ao sistema solar ; Hiparco, de Alexandria (Egito), 160 a. C. inventa o astrolábio, calcula e prediz os eclipses, observa as manchas do Sol, determina o ano trópico, a duração das revoluções da Lua

Essas descobertas levaram perto de 2.000 anos para se popularizarem. Não dispendo, à época, senão de raros manuscritos para se propagarem, as idéias novas permaneciam como patrimônio de alguns filósofos, que as ensinavam a discípulos privilegiados. As massas, que ninguém cuidava de esclarecer, nenhum proveito tiravam delas e continuavam a nutrir-se das velhas crenças.

Analizando os antigos e novos sistemas do mundo, Kardec (2001) afirma que por volta do ano 140 da era cristã, Ptolomeu, um dos homens mais ilustres da Escola de Alexandria, combinando suas próprias idéias com as crenças vulgares e com algumas das mais recentes descobertas astronômicas, compôs um sistema misto para explicar a mecânica celeste e que, por perto de quinze séculos, foi o único que o mundo civilizado adotou. Segundo o sistema de Ptolomeu, a Terra é uma esfera posta no centro do Universo e composta de quatro elementos: terra, água, ar e fogo. Essa a primeira região, dita elementar. A segunda região, dita etérea, compreendia onze céus, ou esferas concêntricas, a girar em torno da Terra, a saber: o céu da Lua, os de Mercúrio, de Vênus, do Sol, de Marte, de Júpiter, de Saturno, das estrelas fixas, do primeiro cristalino, esfera sólida transparente; do segundo cristalino e, finalmente, do primeiro móvel, que dava movimento a todos os céus inferiores e os obrigava a fazer uma revolução em vinte e quatro horas. Para além dos onze céus estava o Empíreo, habitação dos bem-aventurados, denominação tirada do grego pyr ou pur, que significa fogo, porque se acreditava que essa região resplandecia de luz, como o fogo. Por longo tempo prevaleceu a crença em muitos céus superpostos, cujo número, entretanto, variava. O sétimo era geralmente tido como o mais elevado.

Diferentemente do mito, o conhecimento filosófico, como uma variante das possibilidades de leitura que fazemos do Mundo e do Homem, soube adequar-se as evoluções impostas pelos novos padrões de pesquisa, assumindo um papel de co-autor em muitas descobertas científicas, coadjuvando a ciência na penetração do que lhe pareça insondável pelos mecanismos de medição, aplicando para esses casos a ferramenta puramente cognitiva.

2.3. O CONHECIMENTO CIENTÍFICO.

O conhecimento científico não difere do conhecimento filosófico quanto a sua produção, no que tange ao método, uma vez que, o científico também é racional, é investigativo; acrescenta-se, entretanto, ao método científico, a experimentação, a comprovação, principalmente pelo emprego dos recursos tecnológicos disponíveis. Com este, o conhecimento humano toma novos rumos. A partir dos resultados obtidos com as investigações científicas, as antigas cosmogonias deixam de existir.

A astronomia, de posse do telescópio, invento de Galileu, no ano de 1609, caminha a passos largos. Já em 1610, descobre os quatro satélites de Júpiter e lhe calcula as revoluções; reconhece que os planetas não têm luz própria como as estrelas, mas que são iluminados pelo Sol; que são esferas semelhantes à Terra; observa-lhes as fases e determina o tempo que duram as rotações deles em torno de seus eixos.

Com o progresso ensejado pelo surgimento da ciência e suas possibilidades, as grandes navegações implementadas pelos europeus,

especificamente pelo povo da Península Ibérica, alargam os horizontes conhecidos pelo homem, quando lhe é dado percorrer por *mares nunca dantes navegados*, contando com a possibilidade de viagens mais longas, guiadas por instrumentos mais eficientes, como as bússolas, os mapas cartográficos, proporcionando a descoberta do novo mundo.

O conhecimento científico passaria a interferir no meio de produção, nas relações sociais e de trabalho. Com o fim dos feudos, as cidades se expandem social e politicamente, mudando as paisagens anteriormente existentes.

Surge uma nova casta social formada pelos banqueiros, artesãos e mercadores: a burguesia.

Gutenberg (Sec. XV) brinda a humanidade com um invento revolucionário – a imprensa – com o qual as comunicações se acelerariam, multiplicar-se-iam os livros.

O homem despertaria para novos interesses. Assim como o geocentrismo, a pouco e pouco, cederia lugar ao heliocentrismo, as idéias antropocêntricas passariam a concorrer com as teocêntricas - vigentes até então, como um legado da igreja no período medieval -, trazendo a figura humana de volta ao centro das atenções. O conhecimento científico, aliado ao filosófico, estimularia o homem a se libertar das trevas em que se encontrava desde a idade média, em que atrofiara a própria capacidade de raciocinar por si.

Surgiam as idéias iluministas, num período conhecido como o Século das Luzes, sugerindo a libertação do pensamento humano do cárcere da ignorância imposto pelo misticismo e pelo pensamento do fanatismo religioso. Immanuel Kant, um dos grandes pensadores do Iluminismo, assim definia os ideais do movimento que pregava que se todos fizessem parte de uma sociedade justa, com direitos iguais a todos, a felicidade geral seria alcançada:

“O Iluminismo representa a saída dos seres humanos de uma tutela que estes mesmos se impuseram a si. Tutelados são aqueles que se encontram incapazes de fazer uso da própria razão independentemente da direção de outrem. É-se culpado da própria tutela quando esta resulta não de uma deficiência do entendimento mas da falta de resolução e coragem para se fazer uso do entendimento independentemente da direção de outrem. Sapere aude! Tem coragem para fazer uso da tua própria razão! - esse é o lema do Iluminismo”. (Kant, Immanuel (1784). *Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung*)².

Os iluministas eram contra as imposições de caráter religioso, contra as práticas mercantilistas, contrários ao absolutismo do rei e aos privilégios dados à nobreza e ao clero.

Nesse contexto, as leis que regem o mundo material passariam a ser explicadas através das experimentações de Isaac Newton, Galileu e outros, pois estas propiciavam descobertas totalmente independentes das concepções religiosas, consolidando a idéia de que o experimento e a observação seriam os instrumentos cognitivos capazes de decifrar as “normas” que organizavam o mundo.

No âmbito da organização social, o filósofo Montesquieu, defende uma forma de Governo, onde os poderes são divididos e independentes. Dessa forma, acreditava o filósofo, as leis não seriam desrespeitadas em favor de um único

² <http://pt.wikipedia.org/wiki/Iluminismo>

grupo. O equilíbrio entre os poderes Executivo, Legislativo e o Judiciário estabeleceria um Estado mais justo, legitimador dos interesses da sociedade.

Assim, a ciência e a filosofia, processos racionais de investigação da realidade, estabeleceriam novos padrões no processo de relacionamento do homem com o mundo, do ser com o outro e do ser consigo, convidando a humanidade a despertar para a realidade dos novos tempos.

2.4. O CONHECIMENTO ESPÍRITA

Como vimos no estudo sobre a evolução do conhecimento humano, o processo que leva o homem a se relacionar com o meio que o cerca, atinge seu auge durante o período histórico conhecido como Iluminismo. Nesse período, convergem para a França filósofos, cientistas, artistas, professores. Paris, nessa época, era conhecida como a “Cidade Luz”, porque a França dirigia os esforços do intelecto humano. As idéias de independência do homem, do livre pensamento, de igualdade entre todos, que nasceram com o Iluminismo, tiveram suas maiores conseqüências em solo francês.

A Revolução Francesa desmistificou a corrupção aristocrática e o hipócrita clero católico. Mas as batalhas napoleônicas criavam um paradoxo com os discursos de Igualdade, Liberdade e Fraternidade e com a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão.

Em meio a esse clima de iluminação das trevas em que a humanidade encontrava-se submersa, às mudanças que promoveriam o surgimento de um mundo novo, nasce Hippolite Léon Denizard Rivail, na cidade de Lyon, a 03 de outubro de 1804. Ele, que assumiria mais tarde o pseudônimo de Allan Kardec e que seria o codificador das bases do conhecimento espírita.

O conhecimento espírita está fundamentado em suas Obras Básicas, a saber: O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Evangelho Segundo o Espiritismo, A Gênese e O Céu e o Inferno, todas de autoria de Allan Kardec, mas cujo conteúdo foi formulado com os ensinamentos dos Espíritos Superiores. Portanto, somente o que esteja em consonância com essas obras, consideradas os códigos basilares do Espiritismo, pode ser reconhecido como conhecimento espírita.

O conhecimento espírita é de cunho científico, filosófico e religioso. Siqueira assim o define:

“O conhecimento espírita é um conhecimento de tríplice aspecto. Está fundamentado na Ciência, edifica-se na Filosofia e evidencia-se na prática. É a prática, coerente com a filosofia, o caráter fundamental da religião espírita. A religião espírita não se mostra no culto realizado no templo, mas como expressão de viver, como atividade prática, exercício de vida, na coerência entre saber e agir, um mecanismo profundo de sentir e experienciar a vida³”.

Com essa definição, o conhecimento espírita apresenta as sólidas bases de sua fundamentação, uma vez que, não impõe uma fé cega, ao contrário incita o raciocínio, para que a doutrina não seja vista como uma verdade incontestável, colocando à prova seus próprios postulados, para que sejam estudados e analisados à luz das ciências, permitindo-lhes as atualizações exigidas pelo próprio avanço do conhecimento. Por isso, não receia em se apresentar como

³ Disponível no site http://www.espiritualidades.com.br/Artigos_S_Z/Siqueira_Andre_natur_conh.htm

uma doutrina passível de atualização, sendo o próprio Kardec quem sugere aos opositores do conhecimento espírita que expliquem melhor, ou de forma mais adequada, os fenômenos explicados pelo Espiritismo.

No entanto, a definição supracitada, também deixa claro que o conhecimento espírita transcende o caráter puramente científico. Essencialmente, alia-se ao conhecimento filosófico, permitindo que o homem redimensione a postura do seu relacionamento com o objeto de suas reflexões. Decorre destas novas posturas e reflexões uma mudança de comportamento ético, daí afirmar Kardec sobre o conhecimento espírita que *"sua força está na sua filosofia, no apelo que dirige à razão, ao bom senso."* (KARDEC, 1982, p. 484)

No que tange a religiosidade, o conhecimento espírita não se exterioriza por intermédio de cultos, dogmas ou hierarquias eclesiásticas, antes busca confirmar seus postulados por intermédio da vivência da doutrina de Jesus à luz do Espiritismo, na convivência diária com os demais elementos da Criação Divina, onde encontra oportunidades e campo vastos para prática do amor e da caridade. Assim, comete grande engano aquele que, dizendo-se espírita, detém-se em práticas puramente religiosas, ou que se satisfaz com as especulações filosóficas, ou ainda aquele que se compraz unicamente com os frios exames de cunho científico, desconsiderando a proposta de educação integral que o conhecimento espírita propõe ao ser humano.

A proposta de uma educação integral que o conhecimento espírita vem trazer à humanidade pressupõe o desenvolvimento das potencialidades do ser para um melhor relacionamento do ser consigo, com o próximo e com Deus, atendendo ao Mandamento Maior anunciada por Jesus no Evangelho de Mateus, quando nos é proposto pelo mestre: *"Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração e de todo o teu Espírito, e ao próximo como a ti mesmo"*. (S. MATEUS, cap. XXII, vv. 34 a 40.)

É possível concluir sobre os benefícios que o conhecimento espírita pode trazer à humanidade, a partir da resposta dada a Kardec, pelos Espíritos, na questão no. 799, de O Livro dos Espíritos, quando é perguntado: *"De que maneira pode o Espiritismo contribuir para o progresso?"* Ao que os Espíritos respondem:

"Destruindo o materialismo, que é uma das chagas da sociedade, ele faz que os homens compreendam onde se encontram seus verdadeiros interesses. Deixando a vida futura de estar velada pela dúvida, o homem perceberá melhor que, por meio do presente, lhe é dado preparar o seu futuro. Abolindo os prejuízos de seitas, castas e cores, ensina aos homens a grande solidariedade que os há de unir como irmãos."

3. CONSEQUÊNCIAS DO CONHECIMENTO ESPÍRITA

A aquisição do conhecimento espírita traz em si conseqüências inerentes à prática existencial e o coroamento do conhecimento absorvido se reflete na influência que esses princípios têm em nossas vidas, os quais nos proporcionam mudanças de comportamento, de atitudes, de pensamento, resultando em transformações de cunho moral, religioso, ético e social, sendo o que se poderia esperar, haja vista que *"[...] se, depois de tudo isto, não resultassem daí algumas conseqüências, a Doutrina seria apenas indagação pura ou, quando muito, simples devaneio filosófico."* (AMORIM, 2002).

Esse autor nos fala que o conhecimento espírita, então, se apresenta como ferramenta de transformação pessoal. No momento primeiro, temos a oportunidade de estudar a doutrina; em seguida - no âmbito mesmo das Casas Espíritas, como uma oficina inicial – apresentam-se as oportunidades para praticarmos o aprendizado, método que concretiza a internalização do conhecimento. Sem a conveniente prática dos ensinamentos absorvidos, o conhecimento espírita não passa de especulação ou experimentação. Sem as conseqüências práticas da assimilação do conhecimento, não se conseguiu entendê-lo em seu aspecto tríplice, posto que, fica evidente que uma das partes ainda não foi compreendida ou assimilada.

Entretanto, a respeito das transformações pessoais que sugerem a lida com o conhecimento espírita, há que se considerar que tais modificações obedecem a critérios que envolvem diversos fatores, entre os quais, destaca-se a vontade pessoal. É esta que determina quantos passos se quer dar de cada vez, ou quantos degraus se deseja subir na escada evolutiva, pois o conhecimento espírita não estabelece regras de comportamento, não cria proibições, não dá fórmulas mágicas, não faz promessas milagrosas, não propõe resolver as questões de cunho pessoal, apenas apresenta ferramentas que auxiliam a criatura a distinguir entre o bem e o mal, entre o bom e o mau proceder, para que ela própria, de posse das informações necessárias, tome suas decisões, à hora em que lhe parecer mais conveniente, posto que, como individualidade, preceitua o conhecimento espírita, individualmente responderemos por nossos atos.

Quanto mais damos conta das responsabilidades que envolvem o conhecer mais despertamos para a questão da consciência individual, onde, segundo o conhecimento espírita, estão registradas as Leis de Deus, consciência com a qual haveremos de prestar contas, posto que, a ninguém poderemos transferir responsabilidades que são nossas.

O Centro Espírita é a escola abençoada, templo do conhecimento espírita. As Obras Básicas da codificação são suas fontes inesgotáveis, de onde jorram o conhecimento espírita com a abundância da fonte viva de que falou Jesus à mulher Samaritana. O Centro Espírita é também, como já foi supra dito, a oficina inicial da prática do conhecimento adquirido. Porém, as conseqüências do conhecimento espíritas não podem deter-se nos limites do Centro Espírita, uma vez que, a transformação que o conhecimento opera no ser deve acompanhá-lo por onde quer que vá, ou no que quer que faça ou pense.

3.1. CONSEQUÊNCIAS DO CONHECIMENTO ESPÍRITA NO AMBIENTE FAMILIAR

A família é o celeiro de Bênçãos que a Providencia Divina nos oferece como a melhor forma de aprendermos a amar. Nela, reencontramo-nos, por meio da Graça Divina, com os nossos desafetos na condição de parentes consanguíneos, exatamente para facilitar a reconciliação, que muitas vezes torna-se difícil, diante da nossa imperfeição.

Com o conhecimento espírita, surge a possibilidade de aprendermos a conviver com as dificuldades, entendendo-se o porquê das divergências, facilitando a busca de suportes para nos unirmos aos desafetos em laços de afetos, através da compreensão, da paciência, da tolerância, e até mesmo

da indulgência. Assim, o iniciado no conhecimento espírita é convocado a viver experiências diversas e extremamente difíceis, porém tem no Cristo, o roteiro do amor puro, que somente através da prática é possível transformar os corações com quem convive no lar. Através da mudança de conduta moral, vivenciando o Evangelho de Jesus na sua mais pura essência, atendendo a Lei de Amor, Justiça e Caridade, transforma o meio onde vive levando os familiares a percepção da sua mudança, pela forma de conduzir as situações do dia a dia, entendendo e colaborando com a harmonia e a paz no lar.

3.2. CONSEQUÊNCIAS DO CONHECIMENTO ESPÍRITA NO AMBIENTE DE TRABALHO

A luta pela sobrevivência conduz o homem a uma busca desenfreada pela conquista de uma posição social no mercado de trabalho. Não obstante a exigência da dinâmica do mundo suscitar a concorrência entre as pessoas como um processo saudável, quer seja em busca de uma melhor posição laboral ou social, quer seja em busca de melhores salários ou liderança, o conhecimento espírita apresenta os recursos necessários para que se possa analisar qual a melhor maneira de se participar do processo.

Na Casa Espírita, por exemplo, tem-se a oportunidade de trabalho e, diferente do emprego no mundo, a satisfação e a sensação de bem-estar são recebidas como um salário bem pago pelo trabalho executado. A busca pelo melhor preparo possível, a fim de se oferecer um trabalho sempre digno, pode ser comparada ao processo de concorrência a que nos expomos diariamente nos ambientes de trabalho fora do Centro Espírita. Assim, as lições que colhemos nas experiências vivenciadas na Casa Espírita deverão ter consequências fora dela. De forma que a pouco e pouco, possamos aprender a dar a devida importância ao trabalho no mundo, ao papel que nos cabe desempenhar, evitando-se resvalar no lodo da ilusão, conforme Vieira (1993):

“Sem fantasias ou superstições tendentes ao fanatismo cego, não mais vale ao espírita deixar-se absorver inteiramente por um emprego humano, por uma profissão digna, por uma posição social ou por uma liderança de vantagens terra-a-terra, conquanto respeitáveis”. (VIEIRA, 1993, Pg. 73)

O conhecimento espírita através do Evangelho de Jesus nos ensina a *Dar a César o que é de César*, neste sentido, e através do esforço contínuo, o espírita torna possível conviver no mercado de trabalho em cumprimento aos deveres comuns, não se deixando mais absorver pelas tentações, porém não menosprezando as suas obrigações na sociedade, principalmente frente às lides profissionais.

3.3. CONSEQUÊNCIAS DO CONHECIMENTO ESPÍRITA NAS RELAÇÕES SOCIAIS

No dia-a-dia, o indivíduo encontra muitas maneiras para fracassar na sua jornada evolutiva neste orbe. Porém, com o conhecimento espírita, sua conduta muda. Ciente das conveniências do mundo, transforma-se pela renovação do entendimento, de forma a compreender os desígnios de Deus, colocando suas habilidades individuais à disposição do coletivo. É o que recomenda Xavier (1998):

"[...] se convocados à administração, ocupemos-nos a administrar; se localizados no ensino, devotemos-nos à instrução; os que exortem, usem as suas possibilidades em exortar; os que foram trazidos a repartir, procedam com liberalidade; quem preside, seja prudente; corações chamados ao exercício da misericórdia, empreguem a misericórdia com alegria". (XAVIER, 1998, Pg. 96)

O conhecimento espírita faculta conservar o dever em linha reta e nobre, usando paciência e sinceridade, amando e respeitando, fazendo aos outros o que desejamos que os outros nos façam. Tal conhecimento *"(...) não forma o homem somente para o futuro, forma-o também para o presente, para a sociedade; pelo seu aperfeiçoamento moral, os homens preparam sobre a Terra o reino de paz e de fraternidade"* (KARDEC, 1890).

4. CONCLUSÃO

O processo que permite a Humanidade se relacionar com o meio onde se vê inserida, perpassa por uma etapa inicial onde o imaginário popular influencia fortemente nas conclusões que o homem faz da realidade que o cerca. O conhecimento mitológico é o estágio em que, dispondo de parco recurso, o ser humano se aventura em interpretações equivocadas do Mundo, mas que lhe servem como fator de aquietação das perturbações que lhe afligem a falta do domínio das leis que regem o Universo.

A observação e análise mais detida do entorno que permeia a humanidade, dissociando-se dos elementos do imaginário e das interpretações religiosas do Mundo e do Homem, abrem caminho para o conhecimento filosófico, etapa seguinte a que se submete a evolução do conhecimento. Não obstante ser o mito a matéria inicial dos filósofos, nessa etapa da evolução do conhecimento, as interpretações dão conta de observações mais sensatas, frutos de uma interação, observados os recursos de que dispõe a filosofia, que conduzem as conclusões, das interpretações da realidade que são feitas nesse momento. Os filósofos apresentam argumentos que são frutos do raciocínio e não da pura imaginação. O homem exercita a arte de pensar, interagir e analisar para concluir.

Fase seguinte, a ciência se apresenta como recurso que proporciona o acréscimo da experimentação antes da conclusão de qualquer análise. A filosofia ganha um grande aliado. As antigas cosmogonias deixam de existir, a partir das comprovações que são possíveis por intermédio da ciência e seus métodos. As inúmeras invenções fazem eclodir o progresso. A humanidade é alavancada, convidada a pensar por si, livre das amarras que a tornava cativa das idéias que lhes eram impostas até então.

Em meio a esta eclosão de pensamentos, do despertar das inteligências adormecidas, dos ideais de liberdade, como bandeiras do novo pensamento humano, é apresentado aos homens o conhecimento espírita.

O conhecimento espírita reúne em seu bojo o conhecimento científico, que desenvolve o papel de comprovar os fatos explicados pelo Espiritismo, além de atualizá-los, uma vez que ele próprio (o conhecimento espírita) se reconhece como ciência passível de constante atualização. O conhecimento espírita reúne em si ainda o conhecimento filosófico, como sua essência, permitindo que o homem redimensione a postura do seu relacionamento com o objeto de suas reflexões. Por fim, o conhecimento espírita não se detém em exteriorizar-se por intermédio de cultos, dogmas ou se prende à hierarquias, antes busca confirmar seus postulados

por intermédio da vivência da doutrina de Jesus à luz do Espiritismo, resumindo assim o seu caráter religioso. As transformações operadas no ser por intermédio do contato com a Doutrina Espírita, quer na vida particular, quer na vida profissional e social, é que devem demonstrar o valor do conhecimento espírita.

Sem as conseqüências práticas, o conhecimento espírita nada mais seria do que instrumento de mera especulação, motivo para discussão. Entretanto, vai muito além, porque busca convencer pelo exemplo, pela aplicabilidade de seus postulados. Assim, o conhecimento espírita surge para o ser como o sol que, de manhã, entra no quarto pela janela aberta, enchendo a pouco e pouco, de suave luz, os escuros do aposento, trazendo às claras o obscuro, despertando o ser que jazia em sono profundo, elucidando sem agredir, respeitando sem se omitir.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Deolindo. *Doutrina Espírita*. Salvador, BA: Circulus, 2002.

KARDEC Allan, A Gênese, Cap. V – Antigos e Modernos Sistemas do Mundo - tradução de Salvador Gentile, revisão de Elias Barbosa. 25ª. Ed. Instituto de Difusão Espírita. Araras – SP. 2001.

KARDEC, Allan - O Livro dos Espíritos. FEB. 56ª ed. Rio de Janeiro. 1982.

XAVIER, Francisco Cândido. Opinião Espírita. Ed. Cec. Uberaba-MG. 1998

KARDEC, Allan. “Obras Póstumas” – 2ª parte – “Credo Espírita” - FEB

VIEIRA, Waldo. Seareiros de Volta. 5ª. Ed. FEB. Rio - RJ. 1993

Flammarion, Camille. Estudos e leituras sobre a Astronomia, pág. 6.

MARTINS, Roberto de Andrade. O universo: teorias sobre sua origem e evolução. São Paulo: Editora Moderna, 1994.

PALHANO, Junior – Teologia Espírita – 2ª Ed. - Editora Léon Denis. Rio de Janeiro.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Iluminismo> (Kant, Immanuel (1784). [Beantwortung der Frage : Was ist Aufklärung](#)).

http://pt.wikipedia.org/wiki/Grandes_Navega%C3%A7%C3%B5es

http://pt.wikipedia.org/wiki/Idade_Moderna

<http://www.mundoeducacao.com.br/iluminismo/>